



## NARRATIVAS DE SI: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES DOCENTES EM TEOLOGIA

Neiva Furlin<sup>1</sup>  
Marlene Tamanini<sup>2</sup>

### *Introdução*

As instituições de ensino em teologia foram criadas em vista da formação do ministério ordenado de homens. Historicamente, esse espaço foi exclusivamente marcado por formas de organização androcêntricas, tanto na sua constituição como na produção do saber teológico, permitindo a fixação do sujeito masculino nas instâncias do poder hierárquico e na produção do discurso acadêmico teológico. As representações de gênero desse discurso, instituído no plano do sagrado e do simbólico, justificaram a exclusão das mulheres nas instâncias de poder eclesial perpetuando, assim, o androcentrismo no pensar e no fazer teologia. Somente a partir da década de 1970 as mulheres começaram a inserir-se no campo da formação teológica, ainda que de forma pouco expressiva e, mais tarde no campo do ensino e da produção acadêmica<sup>3</sup>.

O presente artigo procura evidenciar como as poucas mulheres que se inseriram na docência em teologia fazem desta função um lugar de construção de si mesmas e de re-significação dos saberes e das relações, enquanto um sujeito ético que pode se conduzir, fazer suas escolhas e resistir aos poderes normalizadores, que perpassam as práticas discursivas das instituições de saber teológico.

As narrativas das docentes<sup>4</sup> são interpretadas à luz da perspectiva analítica de gênero que, em Lauretis (1994), é compreendida como o conjunto de efeitos que são produzidos nos corpos por diferentes tecnologias de gênero, de onde sua construção é vista “como produto e processo, tanto de representação quanto da auto-representação”<sup>5</sup>. Entre as tecnologias sociais que produzem o gênero<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR e Bolsista da CAPES/REUNI . E-mail: [nfurlin@yahoo.com.br](mailto:nfurlin@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC e Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFPR. E-mail: [tamaniniufpr@gmail.com](mailto:tamaniniufpr@gmail.com)

<sup>3</sup> A inserção de mulheres nos cursos de teologia e na docência, nesta área de saber, coincide com entrada maciça das mulheres nas universidades, bem como com os processos de sua inserção na docência no ensino superior, em diferentes áreas de saber.

<sup>4</sup> Foram entrevistadas 14 mulheres, docentes em teologia, de três diferentes instituições de confissão religiosa católica, sendo duas Universidades e uma Faculdade, localizadas, respectivamente, nos estados do RJ, PR e RS.

<sup>5</sup> LAURETIS, Teresa. de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Eloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 217.



essa autora cita, também, a narrativa que inclui a experiência, como uma forma de construção da subjetividade. A experiência é compreendida como um “complexo de efeitos, hábitos, disposições, associações e percepções significantes que resultam da interação semiótica do eu com o mundo exterior”<sup>7</sup>. De acordo com Lauretis (1994), no processo dinâmico da cultura, o sujeito refaz constantemente a sua experiência através do seu engajamento com a realidade social, realidade esta, que inclui também as relações de gênero. É nisso que resulta a compreensão de gênero como produto da auto-representação. Dessa forma, pode-se dizer que o sujeito não é só produto de representações sociais discursivas, mas também se constrói por meio de sua experiência e da produção de novas narrativas que emergem nos processos de interação social.

Nesse sentido, para Claude Dubar (2004) a narrativa da experiência é vista como parte de uma biografia de vida onde o indivíduo se constrói,

[...] sujeito reflexivo, enquanto ator que busca certa unidade de si mesmo por meio de suas lógicas de ação. De um sujeito singular relatando-se através de aléias e dos acontecimentos de sua biografia, concedida como narrativa de si mesmo. [...] Ao relatar-se o eu vai sendo produzido socialmente pela seqüência de acontecimentos e de experiências selecionadas pelo sujeito para se contar a si mesmo e se definir<sup>8</sup>.

Os estudos de Foucault (2007), sobretudo, quando este faz a passagem do sujeito normalizado para a subjetivação ética, enquanto sujeito que dá a direção de sua própria conduta, por isso um sujeito reflexivo, capaz de ações livres, completa o suporte teórico para este estudo.

Trata-se, então, de constituir-se e reconhecer-se enquanto sujeito de suas próprias ações, não através de um sistema de signos marcando poder sobre os outros, mas através de uma relação tanto quanto possível independente do status e de suas forças exteriores, já que ela se realiza na soberania que se exerce sobre si próprio<sup>9</sup>.

Assim, ao dar destaque as narrativas de si, se prioriza à ação das mulheres e sua relação com estrutura e com os demais sujeitos que integram o mesmo espaço. As escolhas das docentes expressam a luta e o processo de subjetivação na busca do controle da própria vida, cuja trajetória vai sendo traçada ativamente nas relações com o mundo social, e não por meio de uma recepção passiva das pressões e discursos sociais e institucionais. Através de suas próprias ações, que envolve a experiência, essas mulheres se constroem em sua subjetividade, ou seja, elas se objetivam em sua própria ação. (MINAYO 2003).

---

<sup>6</sup> Para Lauretis (1994) o cinema, os discursos que incluem as teorias epistemológicas e as práticas institucionais, bem como as práticas cotidianas, marginais aos discursos hegemônicos, situadas nas micro-relações políticas, são tecnologias sociais que produzem o gênero.

<sup>7</sup> Idem. p.228

<sup>8</sup> DUBAR. Claude. *Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo*. Primeiro Congresso da Associação Francesa de Sociologia, Fevereiro de 2004, Disponível em: <[http://publique.rdc.puc-rio.br/desigualdadediversidade/media/Dubar\\_desdiv\\_n3.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/desigualdadediversidade/media/Dubar_desdiv_n3.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2009, p. 63-64.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 9 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007, p. 92.



Neste texto priorizou-se abordar as memórias narradas sobre o contato com a formação teológica e o conseqüente processo de re-significação do discurso tradicional internalizado, bem como o sentido que as mulheres atribuem à docência nos processos de subjetivação feminina.

*A formação teológica: um lugar de resignificação de discursos e de reinvenção de si*

Nos conteúdos das narrativas das mulheres, o acesso à formação acadêmica teológica aparece como um instrumento importante para a re-significação dos discursos religiosos tradicionais, bem como para o processo de reconstrução da própria subjetividade. Algumas interlocutoras mencionaram terem sido socializadas em famílias oriundas do catolicismo tradicional e, outras, em famílias com fortes características da cultura patriarcal. Na verdade, o discurso religioso-teológico tradicional tem sido uma manifestação da cultura patriarcal, na medida em que serviu para legitimar certos modelos e papéis de gênero. Os discursos, tanto religiosos tradicionais ou provenientes da cultura patriarcal, reproduzidos no ambiente familiar e eclesial (catequese), foram assimilados como “discurso de verdade”, funcionando como tecnologias culturais de gênero que produziam subjetividades dóceis, nos termos de Foucault (1999). Entretanto, no processo de sua formação acadêmica, as mulheres encontraram na teologia um caminho de reconstrução da sua subjetividade e de ressignificação do discurso religioso tradicional, que foi reproduzido no interior das instituições de socialização.

Eu fui criada em uma família católica, família mineira, católica tradicional. Toda uma série de coisas já estava no meu imaginário, muito antes de eu fazer teologia, já estava fazendo parte da minha subjetividade. Quando eu fiz teologia eu tive alguns, muitos professores interessantes e muito abertos, com uma visão de mundo e de igreja muito boa. Eu me surpreendi com uma teologia mais aberta da que eu tinha recebido na catequese, na escola, quando estudei no colégio de irmãs. Toda a minha formação foi muito tradicional e a teologia abriu para mim outros horizontes nesse sentido. O curso de teologia, na verdade, foi uma abertura e permitiu re-significar outras coisas na minha vida. É uma teologia com muita liberdade crítica. [...] Para mim a teologia teve uma conotação muito positiva, re-significou minha vida, abriu horizontes. Acho que foi por isso eu fiquei apaixonada pela teologia (INTERLOCUTORA J)

Para essa docente, a paixão pela teologia está vinculada à um processo de reconstrução ou de reinvenção de si mesma, enquanto sujeito que pode se conduzir e se libertar de um discurso tradicional que a subjetivou e, neste caso, enquanto mulher que, ao se “libertar” desconstrói, no seu imaginário, os modelos de gênero que foram reproduzidos na cultura patriarcal e também legitimados pelo discurso religioso tradicional.

Igualmente, nas narrativas de outras docentes verifica-se que o contato com uma teologia “mais aberta”, com uma teologia compartilhada pela perspectiva das mulheres, ou mesmo, com a teologia feminista foi significativo no processo de engendramento de uma nova subjetividade. Sem dúvida, foi o contato com essas teologias que as permitiram re-significar os discursos teológicos



tradicionais e androcentricos<sup>10</sup>. Cabe ressaltar, ainda, que essas mulheres ao inserirem-se no campo do saber teológico se tornaram sujeitos da produção de um novo discurso teológico, o qual resultou de uma releitura do saber teológico hegemônico, tomando como base a experiência de fé das mulheres. Essa produção, além de contribuir para que as mulheres fossem se legitimando no espaço teológico como um novo sujeito de saber, pode ser considerada como uma nova tecnologia de gênero, nos termos de Lauretis (1994), capaz de produzir novas subjetividades femininas.

### *A docência como processo de subjetivação*

Praticamente todas as narrativas das docentes revelam que a teologia, também como campo profissional, tem sido um caminho de redescoberta de si mesmas, de sua condição de pessoa, de sujeito dotado de valores, capaz de interagir socialmente e de realizar-se como pessoa e como profissional.

Eu gosto muito de dar aula, me sinto hoje realizadíssima com a teologia, pelo fato de poder ensinar, poder discutir, poder refletir, poder puxar essa possibilidade com os outros, de poder aprender. Fico pensando, não sei exatamente bem porque eu fui parar na teologia, quer dizer, sei que foi por causa do convite, mas não sei por que eu continuei. Fico pensando, é um caminho, talvez de Deus mesmo. É um caminho que a gente não traçou, eu nunca tive essa expectativa. Eu tinha outra profissão. Quando eu deixei a medicina e comecei a dar aula de teologia me disseram: ‘mas você está louca parar na medicina para dar aula de teologia, o que é isso? Para que serve isso? Acho que as pessoas ficaram muito assustadas na época, mas eu vejo um sentido muito grande. Acho que a teologia responde a muitas perguntas. [...] Acho que estou dando uma contribuição importante. Assim como que eu já dei na medicina, agora estou dando minha contribuição social em outra direção, baseada também na experiência de fé. (INTERLOCUTORA J)

De acordo com o relato dessa docente, a teologia foi uma oportunidade de dar respostas para muitas das suas perguntas existenciais e de construir um sentido para sua espiritualidade. Narrou também suas experiências ligadas à antiga profissão - a medicina, quando trabalhava na maternidade, lugar este, onde tinha a oportunidade de dar notícias boas, sobre o nascimento de crianças. Com a mudança de atividade, ou seja, quando passou a trabalhar no Programa Prevenção ao Câncer Ginecológico do SUS, teve que dar muitas notícias não tão boas: “Olha você esta doente; é grave; vai morrer; não tem tratamento; é inalterável”. Foi nessa época que iniciou a graduação em teologia e optou por continuar se aprofundando nesta área, justamente por ter encontrado ali, um espaço para refletir humanamente e teologicamente as questões ligadas à existência humana. Diz ter consciência de que deu sua contribuição social na medicina e, agora, sente que na função de professora de teologia, além de se realizar como pessoa humana, também pode dar a sua contribuição social, através do olhar não mais da medicina, mas da teologia. Nota-se que ao narrar a

---

<sup>10</sup> Revelaram que, diante dos discursos tradicionais e androcêntricos, assumem também a metodologia feminista do “estranhamento” e procuram tentar ver em que experiência humana e de fé tal discurso se sustenta. Se for algo puramente abstrato, sem fundamento explicativo ou sem base na experiência humana, acabam ignorando.



sua experiência, ou seja, a memória refletida de sua própria trajetória, como um sujeito capaz de se conduzir por si mesmo, essa docente se constrói subjetivamente como alguém que dá respostas a si mesmo e, também, como alguém que possui uma ação útil à sociedade. Tal narrativa aponta que o ato de conduzir-se por si mesmo, ou de ter a soberania sobre si e suas ações, implica também numa relação político-social, ou seja, “é sabendo se conduzir bem, que ele saberá conduzir, como convém, aos outros”<sup>11</sup>.

Em geral, as mulheres atribuem um sentido existencial ao fato de serem professoras e produtoras de saber teológico, ou seja, mais do que um trabalho que simplesmente garante a sobrevivência, é algo que envolve paixão, realização pessoal, ou mesmo, uma vocação para uma missão que, fundada na fé, interage socialmente no mundo. O estar na teologia, como campo profissional, embora tenha sido uma escolha pessoal, construída por um processo de interação social, passa a ser compreendido pela perspectiva da experiência de fé, como um sinal de Deus, uma vocação inerente a existência humana para a atividade da docência, ou mesmo, para uma missão no mundo.

Ser teóloga e professora é a minha vida. Eu acho que isso não é propriamente um emprego. Acho que é uma vocação e, eu procuro assumir isso como uma vocação. Claro que é também um trabalho que me dá sustento. Agora eu acho que é o que dá sentido a minha vida. Ao dar uma aula, eu sinto que eu vivo profundamente, eu vibro com aquilo que eu ensino. Faço teologia com as entranhas também, né (risos) (INTERLOCUTORA D)

Eu sinto que eu nasci para ser professora. Isso me marca mais do que ser doutora em teologia. Acho que o doutorado foi uma caminhada dentro dessa primeira vocação de ser professora. [...] Esse trabalho me traz um desafio existencial, de sempre procurar estar me aprofundando, de sempre procurar dar o melhor de mim, de me deixar desafiar pela realidade. Então eu não me considero assim: ‘ah eu sou doutora de teologia, docente na instituição tal’. Não, o que eu faço dá sentido a minha vida, também porque me coloca desafios que eu preciso tentar responder. (INTERLOCUTORA F)

Nessa dimensão da existência humana, do sentir-se “vacionadas” para uma missão, elas se constituem sujeitos éticos genereficados, fazendo “de si mesmo a matéria de sua conduta moral”<sup>12</sup> e do engendramento de sua subjetividade, cuja relação consigo mesmas, desemboca na relação com os outros, que se expressa pelo desejo de contribuir na transformação e humanização das relações sociais, como bem se nota nas narrativas abaixo.

A área da teologia é algo que eu gosto, tanto de pesquisar, quanto de ter essa relação direta com os alunos, porque se tem interação. Então eu acho que é um compromisso. [...] Eu acho que nós mulheres precisamos colaborar para promover a vida. Eu vejo assim, o sentido principal é promover a vida e libertação. A teologia que eu faço está ancorada na teologia da libertação (INTERLOCUTORA A)

O sentido de eu ser professora de teologia está no desafio de contribuir para que as mulheres sejam um pouco mais reconhecidas. De contribuir com o novo jeito de ser Igreja. [...] De ajudar a igreja ser mais humana, mais fraterna mais servidora, enfim, de responder um pouco mais as questões que a humanidade levanta, ou seja,

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 9 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007, p. 95.

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.306.



mais atenta aos sofrimentos, das pessoas, das mulheres. Porque a teologia é um espaço de formação de pessoas que vão intervir depois. Se a gente consegue ajudar, embora nunca se saiba do alcance que vai ter ou não, se a gente consegue fazer com que essas pessoas depois intervenham de forma diferenciada nas comunidades. Esse é o desafio, né, de uma teologia assim, que nos ajude a sermos melhores como pessoas, depois como agentes de pastorais, como religiosas, como leigo, ou como leiga enfim, ser melhores na vida. (INTERLOCUTORA C)

Nota-se que o processo de subjetivação passa, também, pela forma como essas mulheres avaliam o exercício da docência. Elas atribuem um sentido moral à sua ação<sup>13</sup>, que é a de contribuir com a construção de um mundo melhor e de ajudar os/as discentes a tornarem-se pessoas abertas para as questões sociais e humanitárias. Na teoria de Weber (1992), o sentido dessa ação social, pode ser compreendida no que ele define de ação com relação a valores, que tem por base uma fé racionalizada em relação aos fins que o sujeito atribuiu e deseja objetivar através de sua ação.

Nessa perspectiva, de uma ação social em que se atribui o sentido moral de uma ação e que se objetiva na relação social, neste caso, na transformação de comportamentos de alunos/as, uma das docentes relatava com entusiasmo, alegria e satisfação o resultado de sua ação em sala de aula. Pude perceber o quanto essa docente, ao narrar a sua experiência, sentia-se confirmada nos valores que acreditava e na própria linha de pensamento teológico. Pela sua narrativa a docente reflete acontecimentos e experiências de sua biografia de vida e nela encontra a unidade de si, por meio das lógicas de sua ação (DUBAR, 2009), ou seja, de um sujeito que se objetiva pela experiência de suas ações, na qual decorre a sua subjetivação (MINAYO, 2003), como se verifica na narrativa que segue:

Olha, eu gosto muito de ensinar, eu gosto de dar aula, gosto de oferecer aos alunos um conhecimento novo, perspectivas novas, de ajudar a abrir os olhos. Então me sinto muito bem nesse papel. Sinto-me muito bem na medida em que eu tenho também muita familiaridade com os alunos, em que posso sair da sala e tomar um cafezinho junto. Tenho o maior prazer quando os alunos descobrem coisas novas, ou quando eu sinto que formei alguém. Ontem, numa aula na pós-graduação, foi surpresa pra mim o aluno que me apresentou o seu trabalho no seminário, antes de ontem, ele disse que mora numa favela do Vidigal. Ele disse, 'ah quando eu fiz o seminário com a (*Nome da professora*) na graduação, eu resolvi abrir um grupo de jovens pra ler a Bíblia. Descobri que é legal, que podia fazer isso. Foi a partir do seminário que eu tomei essa iniciativa e já faz dois anos que tem um grupo no Vidigal e um grupo no complexo do Alemão. Eu estou trabalhando com esses jovens'. Ele disse: 'eu acho que descobri o Gutiérrez'. Ele fez um trabalho para mim sobre um livro do Gutierrez. Foi assim que ele descobriu e conheceu esse autor. Ele já está no final dos quatro anos de teologia. Ele não tinha descoberto nem o Gutiérrez, nem a teologia da libertação, nada disso. Ele descobriu por meu intermédio. Eu me senti ótima, realizada, pronto. Agora estou levando ele para o intereclesial. Corri contra o tempo para inscrever ele e, vou levar ele. Consegui dinheiro para pagar a passagem e, agora vou conseguir hospedagem lá, pra ele ir dialogar com os jovens da Amazônia, com os jovens da CEBs, do Brasil todo. Então essas coisas prá mim faz sentir o sabor de que meu trabalho deu fruto (INTERLOCUTORA E)

A fala dessa professora revela, ainda, que o processo de subjetivação, pela prática da docência em teologia, é uma construção contínua que se dá também por meio de uma ação

---

<sup>13</sup> Para Weber (1992) uma ação é ação social quando o sentido sugerido pelo sujeito ou pelos sujeitos se refere ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento. O sentido em Weber é entendido como o sentido imaginado e subjetivo dos sujeitos da ação, que existe de fato ou que existe na construção ideal-típica



interativa com os alunos. Assim, o próprio sujeito da docência se redescobre e se constitui como um sujeito de escolha e de ação própria, num processo de interação social, que implica, segundo Foucault (2007), em uma ação moral sobre outros sujeitos.

O relato da interlocutora I, que se registra a seguir, sintetiza os conteúdos de muitas narrativas a cerca das dinâmicas que envolvem o processo de tornar-se professora de teologia, num espaço tido, historicamente, como “não seu”. São mulheres que, na condição de sujeitos éticos, resistem aos poderes normativos reproduzidos por uma ordem simbólica, em cujo discurso as representações de gênero, fundadas na hierarquização de sexo, legitimou a hegemonia masculina no campo de saber teológico. Nessa perspectiva, o relato abaixo nos permite compreender que a teologia, como campo de ação profissional, é para essas mulheres: uma escolha pessoal construída na relação com as circunstâncias sócio-ecliais; um processo que envolve paixão e sentido existencial; um espaço de desafios e tensões nas relações; uma possibilidade de realização; uma ação com sentido moral voltado para o outro; um lugar onde há forte resistência às iniciativas de produção teológica das mulheres; um espaço de tensões e conflitos nas relações sociais de gênero e um projeto que exige construção contínua e perseverança diante dos obstáculos.

Bom eu acho que a teologia faz parte das minhas escolhas de vida e do que a vida escolheu de mim. Quer dizer, uma parte escolheu e outra parte me levou a escolher, me colocou em situação que eu não tinha outra saída se não entrar por aí. Eu acho que é uma questão de não trair a mim mesma, de não trair o amor que vive em mim, de não trair o espírito que me habita. Agora, se isso vai ter repercussão não sei, mas pra mim... Eu tenho prazer de fazer o que eu faço. Então, não é uma dureza. Tem bordoadas sim, mas tem prazeres também. De repente eu escuto alguém aqui que diz assim: ‘ah que bom! Você põe palavras no que a gente sente’. Um e-mail: ‘ai que maravilha, obrigada’; ou alguém..., não estou esperando que muita gente leia o meu livro, mas alguém leu, e disse: ‘adorei o teu livro’! Então, são pontinhos de luz que diz pra você: ‘vai adiante’... Faz escuro mais eu canto, ta! (INTERLOCUTORA I)

A narrativa dessa docente sintetiza a biografia de sua experiência de vida e de trabalho, lugar de onde se constitui sujeito ético. Ao mesmo tempo em que se relata, também reflete os fatos e a experiência de sua posição de mulher teóloga. Conhece os desafios inscritos na estrutura do saber teológico, mas opta por não desanimar no processo de se legitimar como sujeito de um saber que, por muitos anos, foi monopólio de uma hierarquia eclesial masculina.

Enfim, os conteúdos das narrativas têm revelado que as docentes de teologia se colocam no espaço do saber teológico, não na condição de submissão à uma ordem simbólica androcêntrica, mas na posição de um sujeito ético que, nos termos de Foucault (2007), é capaz de resistir, fazer suas escolhas, ressignificar saberes e dar sentido a sua ação.



### *Considerações finais*

Embora a afirmação de que o sujeito se objetiva e se subjetiva pela sua ação social, nas relações que este estabelece com a sociedade, tenha sido recorrente na construção do pensamento social, deve-se levar em consideração que a narrativa de si, é também, um dispositivo de subjetivação. Exercer funções na docência de teologia é também produzir narrativas que, mais do que simples relatos cronológicos, são processos analíticos vinculados a uma biografia de vida coerente com um sistema de valores e práticas, que se costura em relações de sentidos e modos de inserção, em comprometimentos de várias complexidades com conseqüentes processos de subjetivação. São memórias de experiências vivenciadas – ações e relações - refletidas e avaliadas pelas próprias mulheres, nas quais elas encontram uma unidade de si mesmas e produzem uma auto-representação de si. São tecnologias que produzem subjetividades generificadas resistentes aos discursos simbólicos androcêntricos, que ainda permeiam as instituições de ensino teológico.

Os relatos das experiências vivenciadas das docentes revelam que o acesso ao saber teológico foi um dos aspectos que permitiu a ressignificação de saberes e a reinvenção de si mesmas, como sujeitos capazes de se conduzir e se libertar de discursos religiosos tradicionais internalizados no processo de socialização, que produziram subjetividades conformadas com os modelos tradicionais de gênero. O contato que as mulheres tiveram com a teologia feminista, sem dúvida, foi significativo para o processo de engendramento de uma nova subjetividade.

Apesar das tensões e desafios que as práticas estruturais androcêntricas ainda colocam para as mulheres no espaço de saber teológico<sup>14</sup>, a docência, como ação social, as realiza na dimensão da existência humana. Nessa experiência de sentirem-se professoras elas engendram sua subjetividade, cuja relação consigo mesmas desemboca na relação com os outros, expressa pelo desejo de contribuir em causas humanitárias e nos processos de transformação das relações sociais

Enfim, pode-se afirmar que, ao narrar às experiências que envolvem os processos de ressignificação dos discursos religiosos tradicionais e o sentido de sua trajetória de docente em teologia, num espaço ainda masculino, essas mulheres também se constroem subjetivamente. Em Lauretis (1994), essa forma de narrativa é compreendida como uma tecnologia, que permite o sujeito construir-se na sua experiência de gênero, de classe e de etnia. Dessa forma, os acontecimentos que integram a experiência da biografia de vida dessas mulheres, se tornam produção da narrativa de si mesma. É um eu que se define, não somente por meio de uma rede

---

<sup>14</sup> Neste ensaio não foram contemplados os recortes de narrativas sobre as relações de gênero e de poder no espaço acadêmico teológico, uma vez que se optou pelos que abordavam o sentido da docência, enquanto experiência humana de sentido.



relacional, mas também por um processo biográfico, ou seja, é um eu que se produz socialmente pela seqüência dos acontecimentos e de experiências que o sujeito seleciona para se contar a si mesmo. (DUBAR, 2004).

### *Bibliografia*

DUBAR, Claude. *Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo*. Primeiro Congresso da Associação Francesa de Sociologia, Fevereiro de 2004, p. 56-69 Disponível em: <[http://publique.rdc.puc-rio.br/desigualdadediversidade/media/Dubar\\_desdiv\\_n3.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/desigualdadediversidade/media/Dubar_desdiv_n3.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 9 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

LAURETIS, Teresa. de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Eloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

MINAYO, Maria Cecília de Souza de. Hermenêutica - Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza de; DESLANDES, Suely FERREIRA (org<sup>a</sup>). *Caminhos do pensamento epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 83-107.

WEBER, Max. Conceitos Sociológicos Fundamentais. In: Weber, M. In: *Metodologia das ciências sociais* (parte II) São Paulo: Cortez Ed/Ed. Da Unicamp, 1992 [1921].